

## Art-facts - os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no Vale do Côa

Mário Reis\*

Fundação Côa Parque;

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património. Universidade de Coimbra;

Lara Bacelar Alves\*\*

Bolseira de Pós-doutoramento da FCT; Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.

Universidade de Coimbra;

João Muralha Cardoso\*\*\*

Bolseiro de Pós-doutoramento da FCT; Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.

Universidade de Coimbra;

Bárbara Carvalho\*\*\*\*

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património. Universidade de Coimbra;

Artigo submetido em

18/03/2016

Artigo publicado em

31/03/2017

*Palavras-chave:*

Pré-história Recente;

Arte rupestre;

Pintura Esquemática;

Contexto Arqueológico;

Vale do Côa;

### Resumo

O projecto 'Art-facts' parte da investigação dos contextos arqueológicos de abrigos pintados com Arte Esquemática, entendidos como espaços incorporadores de acção, criação e construção, e pretende fazer uma reflexão sobre arte, arquitecturas e paisagem. Neste sentido, o projecto escora-se numa análise dialéctica da arte a três escalas - a face da rocha; a arquitectura dos locais; o diálogo com a paisagem - aliada à compreensão, percepção e experiência física de espaços e materiais. Analisa quatro casos de estudo no vale do Côa, os abrigos da Ribeirinha, Colmeal, Poço Torto e Lapas Cabreiras. Esta selecção teve por base a possibilidade de contrastar a ocorrência de pintura em ambientes distintos, sobre diferentes suportes geológicos, e com alguma heterogeneidade ao nível temático, iconográfico e de conservação. Apresentamos uma breve descrição dos resultados dos trabalhos de prospecção, escavação e análise dos painéis.

### 1. Introdução

A investigação da arte rupestre pós-glaciar foi dominada ao longo do século XX por perspectivas que privilegiavam a análise, descrição e classificação de motivos individuais e seu tratamento estatístico, muitas vezes considerada como fim em si mesmo, um pouco à imagem da

abordagem feita ao estudo de artefactos. O olhar retinha-se quase exclusivamente sobre as imagens inscritas nas superfícies rochosas, e só recentemente se lançou sobre a paisagem, incorporando arquitecturas, outras materialidades (e imaterialidades), estimulando desta forma, a procura dos contextos sociais, culturais e simbólicos

\*Mário Reis | marioreissoares@sapo.pt; \*\*Lara Bacelar Alves | larabacelar@sapo.pt;

\*\*\* João Muralha Cardoso | jmuralha@gmail.com; \*\*\*\*Bárbara Carvalho | barbaracarvalho80@gmail.com;

da arte. Subjaz ao presente projecto uma reflexão sobre arte, arquitecturas e paisagem, entendidas como palcos/espacos incorporadores de acção, criação e construção. Neste sentido, procurar-se-á a prossecução de uma abordagem dialéctica a três escalas de análise - o que se encontra inscrito na face da rocha; a arquitectura dos locais eleitos para a criação de pinturas rupestres; e a análise da paisagem, e da maneira como estes sítios se incorporam no seu ambiente, e como se poderão relacionar com os lugares onde as populações coevas estiveram, e deixaram vestígios materiais da sua passagem e/ou estadia (ver também Alves *et al.*, 2014, onde se desenvolve mais a abordagem teórica e metodológica do projecto).

## 2. Área de estudo

Pretendíamos escolher uma determinada área em território português e, dentro desta, seleccionar um conjunto de abrigos com Arte Esquemática pintada como casos de estudo. A área escolhida foi o troço final do vale do rio Côa, correspondente grosso modo à área do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) (Fig.1). Um factor essencial desta escolha foi a existência de uma excelente base científica prévia de referência, com os trabalhos do PAVC e do extinto Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART), que nos permitiam não começar do zero e olhar para a região dispondo de um forte conjunto de dados da sua ocupação pré-histórica, com um acervo elevado de abrigos pintados que permitiam uma adequada selecção dos casos de estudo. É imperativo mencionar aqui o apoio do PAVC e da Fundação Côa Parque, traduzido em suporte logístico nos trabalhos de campo e no acesso a dados científicos inéditos, incluindo os levantamentos feitos em alguns dos abrigos seleccionados.

Assim, ao iniciar o projecto, conhecíamos um acervo de mais de 200 sítios com vestígios materiais da Pré-história Recente. Quanto a pintura, conheciam-se 23 abrigos ou rochas pintadas em 12 sítios diferentes (sumariamente referidos no recente inventário dos sítios da arte do Côa: Reis, 2012; 2013; 2014), dos quais apenas um se localiza sobre o Douro, estando os restantes ao longo do Côa ou afluentes. Escolhemos quatro casos de estudo: três que tinham sido já levantados pelo CNART (Ribeirinha, Poço Torto, e Colmeal), a que juntamos as Lapas Cabreiras. Esta selecção teve por base a

possibilidade de contrastar a ocorrência de pintura esquemática em ambientes topograficamente distintos (serra, fundo de vale e planalto), em diferentes suportes geológicos (quartzitos, granitos e xistos), e com alguma heterogeneidade na temática, iconografia e estado de conservação das pinturas. Por fim, todos apresentavam sedimentos passíveis de serem escavados junto aos painéis pintados, algo raro nos abrigos pintados da região.

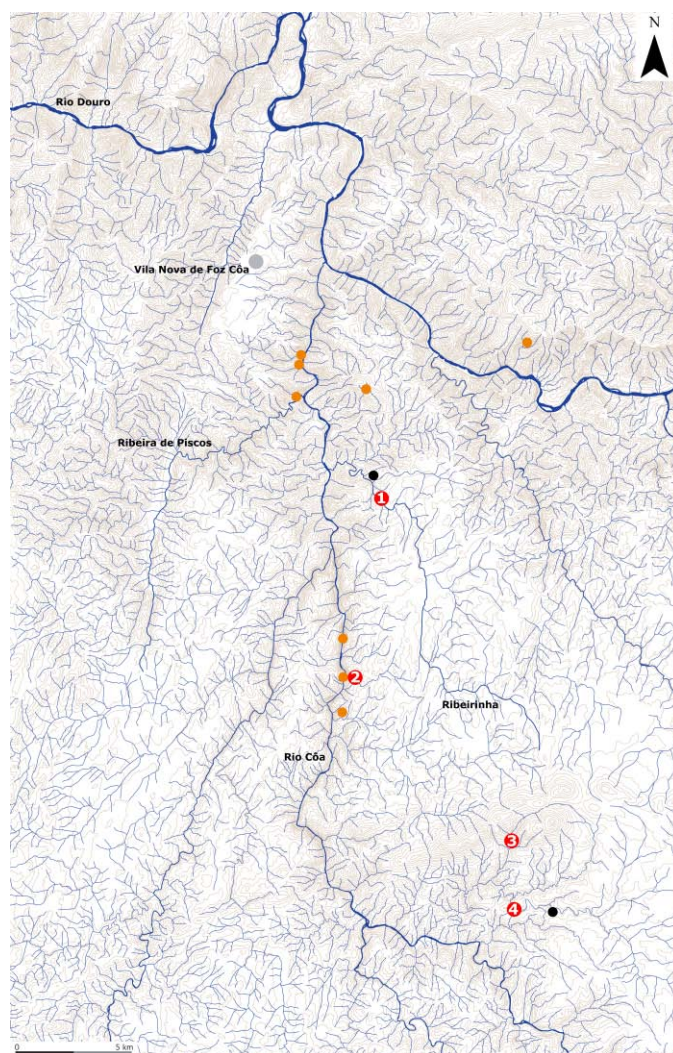


Figura 1: Localização de todos os sítios com pintura da Pré-história Recente conhecidos na região do Côa. Salientados a vermelho estão os quatro casos de estudo do projecto Artifacts: 1 - Ribeirinha; 2 - Lapas Cabreiras; 3 - Colmeal; 4 - Poço Torto. A preto estão os sítios descobertos no âmbito do projecto: Gamoal, perto da Ribeirinha e Castelejo, perto do Poço Torto (mapa adaptado a partir da Carta Corográfica de Portugal na escala 1:50.000, do Instituto Geográfico e Cadastral, Folhas 11C, 11D, 15A, 15B, 15C e 15D).

## 3. Metodologia de trabalho

Começando pela primeira escala de análise, era necessário fazer uma revisão cuidadosa das superfícies rochosas de cada um dos sítios,

contrastando com o que já se conhecia e procurando determinar a existência de novos painéis historiados. Para os painéis já desenhados pelo CNART, pretendíamos utilizar uma nova ferramenta digital na análise de pintura rupestre, o plugin DStretch do programa informático ImageJ. É um sistema de análise de fotografias digitais que realça manchas coloridas, sendo particularmente eficaz para uma melhor visualização de manchas pintadas muito desgastadas, ou para a separação de elementos diferentes mas pouco distintos. Revela-se já como um poderoso instrumento para a análise de painéis pintados, permitindo descobrir aspectos quase invisíveis a olho nu. Para além da revisão dos decalques existentes, pretende-se também fazer o registo dos restantes painéis, em desenho e fotografia, sendo aliás possível a mistura dos dois métodos, pois o DStretch permite a realização de decalques com grande fiabilidade. A segunda escala de análise encontra-se ao nível do local escolhido para a realização das pinturas, o maciço rochoso onde estas se encontram. Aqui, pretendemos sobretudo investigar contextos arqueológicos potencialmente associáveis às pinturas, pela realização de sondagens arqueológicas nas imediações directas dos abrigos e painéis pintados. A terceira escala de análise é a paisagem envolvente às pinturas. A abordagem de campo é a prospecção arqueológica, procurando-se sítios com ocupação pré-histórica ou novos abrigos com pinturas ou gravuras, tentando determinar as suas possíveis redes de vizinhança. Ao mesmo tempo, procura-se uma melhor compreensão de como cada um destes locais se relaciona e se integra na paisagem, como se procederia ao seu acesso, qual a sua marca visual na paisagem e como se impõe, ou não, ao olhar de quem nela circula.

#### **4. Os quatro casos de estudo: breve descrição dos trabalhos realizados e dos resultados obtidos.**

O projecto iniciou-se em 2012, e os trabalhos de campo terminaram em 2015. As escavações foram feitas uma em cada ano, com excepção do Poço Torto, que não foi possível escavar, por interdição do dono do terreno. Os restantes trabalhos de prospecção e registo das superfícies historiadas, foram sendo feitos ao longo do tempo do projecto. O decalque final das superfícies historiadas está ainda a decorrer. Futuramente, pretendemos publicar com o detalhe que merecem os trabalhos

de prospecção e de escavação realizados no âmbito deste projecto, assim como do registo das superfícies historiadas. Neste texto apresentaremos apenas uma primeira resenha geral dos resultados.

#### **4.1. A prospecção**

Na ribeira do Avelal, em cuja margem esquerda se implanta o abrigo do Poço Torto, prospectamos duas áreas distintas: a primeira em torno do próprio abrigo, e ao longo da ribeira para jusante deste; e a segunda num meandro apertado da ribeira para montante do Poço Torto, com o sugestivo topónimo de Castelejo. Na primeira área de prospecção destaca-se a ausência de novos achados, quer nos terrenos sobranceiros à ribeira e em redor do abrigo, com aparentes boas condições para a instalação de habitats pré-históricos, quer também nas margens da ribeira. Aqui, num troço de aproximadamente 1,5 km para jusante do abrigo, vimos grande parte das superfícies e abrigos que vão surgindo em ambas as margens, confirmando que o Poço Torto surge isolado, sem mais arte rupestre nas imediações (Fig.2). A segunda área prospectada abrangeu uma zona onde a ribeira faz um meandro apertado definindo um cabeço em esporão sobre uma zona encaixada e rochosa do vale, cerca de 1,6 km a montante do Poço Torto. O cabeço, com o topónimo Castelejo, revelou-se como um possível sítio arqueológico, mas de difícil interpretação. Aparenta ter restos de um grande muro na zona de acesso, que poderá prolongar-se para os lados, e alguns grandes derrubes no interior, de forma aparentemente circular. No entanto, para além destas possíveis estruturas serem pouco evidentes e terem um elevado grau de destruição, não foi possível encontrar qualquer vestígio material à superfície, cerâmico ou lítico, com excepção de um ou outro seixo de quartzito sem vestígios de talhe. Esta ausência é tanto mais estranha quanto as condições de visibilidade do solo são boas, num terreno que já foi agricultado. As condições e os poucos vestígios sugerem a possibilidade de se tratar de um pequeno recinto do III milénio, mas neste momento não é possível afirmá-lo com segurança, e outras hipóteses terão sempre que ser colocadas (Fig. 3).

Algo que reforça a probabilidade de se tratar de um sítio pré-histórico é o achado de um novo abrigo pintado nos afloramentos fronteiros ao cabeço, na vertente oposta da ribeira, no sentido Oeste. É um





Figura 2: As áreas prospectadas em torno dos quatro casos de estudo (sobre as cartas militares à escala 1:25.000, Instituto Geográfico do Exército). Em cima à esquerda: Ribeirinha. As áreas a azul assinalam aproximadamente as manchas de dispersão dos materiais pré-históricos do sítio do Gamoal. Os pontos vermelhos assinalam os abrigos pintados da Ribeirinha (ao centro) e do Gamoal (Folha 151). Em cima à direita: Lapas Cabreiras. O ponto vermelho assinala o abrigo das Lapas Cabreiras, e a área a azul a área de dispersão de materiais arqueológicos. Os pontos brancos assinalam os sítios pré-históricos da Casa Grande (ao centro) e do Alto da Mioteira. Os pontos verdes assinalam outras rochas pintadas nas imediações: rochas 1 e 2 do Ervideiro (à esquerda) e a rocha da Mioteira, a Sul (Folhas 151 e 161). Em baixo à esquerda: Colmeal. O ponto vermelho assinala o conjunto dos três abrigos pintados, e o ponto verde o novo abrigo com gravuras. O ponto branco assinala a mina encontrada em prospecção (Folhas 161 e 162). Em baixo à direita: Poço Torto. Os pontos vermelhos assinala o abrigo do Poço Torto (à esquerda) e do Castelejo. O ponto branco assinala o possível sítio arqueológico do Castelejo (Folhas 161, 162, 171, 172).

pequeno abrigo com poucos motivos pintados, que se reduzem a umas manchas indeterminadas de pigmento e algumas barras associadas a um antropomorfo esquemático.

Na zona dos abrigos do Colmeal, uma parte

substancial da serra da Marofa foi alvo de florestação recente, num processo fortemente alterador do solo. A prospecção concentrou-se assim em torno dos abrigos pintados, em ambas as margens da ribeira e subindo pelo flanco da serra





Figura 3: Em cima, vê-se o meandro apertado na Ribeira do Avelal no sítio do Castelejo, um possível recinto da Pré-história Recente. Na margem oposta, a seta assinala o abrigo pintado do Castelejo. Em baixo, a seta assinala o abrigo do Gamoal, sobre a falésia da Ribeirinha que marca a transição de granitos para xistos.

acima dos abrigos. Prospectamos também uma segunda área mais pequena a jusante dos abrigos, uma grande crista rochosa xistosa na margem esquerda da ribeira do Colmeal.

Na primeira área de prospecção encontramos uma pequena exploração mineira de cronologia indeterminada e aspecto muito artesanal, talvez uma exploração de ferro, que corresponde a um sítio anteriormente assinalado como tendo um conjunto de materiais de superfície de cronologia antiga (Alves *et al.* 2014, p. 104), o que não conseguimos confirmar. Mais interessantemente, encontramos o Abrigo 4 do Colmeal, desta vez com gravuras lineares do tipo "unhadas do diabo", numa pequena mancha de xisto a montante dos abrigos pintados e na margem oposta.

Na segunda área tentamos confirmar a eventual

existência de ocupação pré-histórica na grande crista xistosa, que se estende linearmente por cerca de 100 metros e forma um conjunto em sequência de variados abrigos com plataformas internas, de topónimo "Lapas". Estão orientados a Norte, com vista privilegiada para a crista do Colmeal. Algumas plataformas estão colmatadas por grandes blocos tombados da parede de fundo, sendo perceptível a existência de uma forte sedimentação aparentemente bem conservada. Assim, o lugar tem excelentes condições para a existência de uma ocupação antiga, tanto mais que abrigos com esta dimensão e boas condições são raros na região. Mas não nos foi possível confirmar se existe ou não, pois não encontramos vestígios materiais, algo que se poderá dever à conjugação da boa conservação dos sedimentos com o denso matagal que cobre a zona.

Na Ribeirinha, as prospeções do PAVC traduziram-se na descoberta de numerosos sítios arqueológicos no planalto granítico por onde esta ribeira corre, e até à sua entrada no Côa. Já havia assim um interessante quadro de referência numa área alargada em torno do abrigo. Mas faltava prospectar a própria ribeira nas imediações do abrigo, e investigar melhor um importante sítio com ocupação pré-histórica a jusante das pinturas, o Gamoal. A prospeção que fizemos na ribeira foi infrutífera. No Gamoal, pudemos confirmar a importância do sítio, localizado sobre um profundo canhão que marca a transição dos granitos para xistos. Tem uma vasta área de dispersão de materiais em diferentes áreas, com uma cronologia enquadrável entre o II e o IV milénio a. C., e um dos sectores corresponde a um pequeno recinto murado num esporão sobre a ribeira. A novidade da prospeção foi a descoberta de um novo abrigo pintado, dentro da área de dispersão de materiais, mesmo por cima da falésia.

Nas Lapas Cabreiras também havia já um amplo quadro de referência de sítios em associação com o abrigo, em parte pelos trabalhos do PAVC, mas também pelos resultados do Estudo de Impacte Ambiental (EIA) da barragem do Alto Côa (García Díez *et al.*, 2001). Salientava-se, para além da existência de alguns sítios com materiais pré-históricos perto do abrigo, a integração destas pinturas num conjunto mais vasto de abrigos pintados, nos sítios da Faia, Ervideiro e Mioteira. Havia também o conhecimento da existência de materiais arqueológicos pré-históricos de superfície nas imediações directas do abrigo das Lapas Cabreiras, mas escassos e dispersos, e sem uma percepção clara da sua origem (Fig. 4).

A prospeção evitou o fundo do vale, até porque este já havia sido prospectado no EIA acima referido, e concentrou-se numa área alargada em torno do abrigo, numa espécie de anfiteatro natural ao longo da orla superior do vale, de que as Lapas Cabreiras formam o epicentro. Os resultados foram escassos mas interessantes. Por um lado, não encontramos outros sítios arqueológicos dentro desta área, para além de dois já conhecidos: a Casa Grande, uma pequena mancha de dispersão de materiais numa plataforma aberta e voltada ao rio; e o Alto da Mioteira, um enigmático recinto num cabeço de vasta superfície, fechado por um muro na entrada a Leste mas aberto a Sul em zona de fácil

acesso, e com escassos materiais de superfície, incluindo restos de talhe em quartzito e raras cerâmicas de fabrico manual. O que surgiu de novo foi uma curiosa dispersão de vários materiais pré-históricos de superfície, cerâmicos e líticos, isolados e sem origem evidente num qualquer sítio arqueológico, parecendo mais serem materiais perdidos ou rejeitados. Por outro lado, o próprio sítio das Lapas Cabreiras revelou-se um importante local com ocupação pré-histórica, dividido por três plataformas em sequência. A primeira e mais elevada, anexa ao abrigo, tem escassos materiais de superfície, com a escavação a revelar mais informação. As outras duas, que se desenrolam sucessivamente até à orla da abrupta encosta sobre o Côa, são de pequena dimensão e contidas entre afloramentos, revelando algum material de superfície, lítico e cerâmico, incluindo barro de revestimento, com material que pertencerá maioritariamente aos III e/ou II milénios a. C.

#### 4.2. A escavação

Não nos foi possível sondar arqueologicamente o abrigo do Poço Torto, pela simples razão que o seu proprietário não nos autorizou, como é legalmente exigido para os projectos arqueológicos em Portugal. A área que teríamos elegido para escavar corresponde à plataforma interior do abrigo, prolongando-se ligeiramente para o seu exterior. Estando elevada em relação à ribeira, não se colocava o problema de eventuais sedimentos antigos terem sido lavados pelas suas águas, e a existência de um conjunto de blocos rochosos tombados, formando uma barreira natural fechando por completo o espaço interior do abrigo, deixava em aberto a hipótese dos sedimentos poderem estar bem preservados, o que não foi ainda possível testar (Fig. 5).

No Colmeal, a escavação consistiu na abertura de duas sondagens em frente aos Abrigos 2 e 3, encostando aos painéis pintados. Uma terceira sondagem teria sido realizada em frente ao Abrigo 1, caso existissem sedimentos. Esta ausência revelou-se penalizadora para a investigação, pois o Abrigo 1 está mais elevado e afastado da ribeira do que os outros dois, e eventuais sedimentos ali existentes poderiam ter sobrevivido à lavagem feita pela ribeira nas zonas mais baixas. Efectivamente, as duas sondagens revelaram apenas depósitos fluviais recentes, pelo que, a terem existido vestígios





Figura 4: O abrigo das Lapas Cabreiras é visível à direita, na base do cabeço granítico. As setas indicam as três plataformas entre rochedos onde se encontram materiais arqueológicos de superfície. A profunda garganta do Côa é bem perceptível à esquerda.

materiais pré-históricos neste sítio, foram há muito arrastados pelas águas (Fig. 6).

Na Ribeirinha abrimos duas sondagens, adjacentes à parede de fundo do abrigo, mas a cotas distintas. Uma foi aberta por baixo dos painéis pintados, e o resultado é similar às sondagens do Colmeal. Estando adjacente ao leito da ribeira, as enchentes desta arrastaram os eventuais sedimentos antigos e deixaram depósitos fluviais recentes e caóticos. Na outra sondagem mais acima em zona protegida das águas, a escavação revelou a existência de uma bolsa de terra preservada entre blocos tombados, onde exumamos um pequeno conjunto de fragmentos de cerâmica de fabrico manual, de tipologia e pastas muito homogêneas. Entre estes, um único fragmento com decoração, um pequeno bordo com uma banda penteada de linhas incisadas paralelas e rectilíneas, numa tipologia decorativa bem conhecida na região Norte e Centro, com uma cronologia que medeia entre o IV e o II milénios a.C.

A escavação nas Lapas Cabreiras foi a de resultados mais interessantes. Efectuaram-se três sondagens, encostadas ao limite do grande afloramento em que

se abre o abrigo pintado. Este não foi possível sondar, estando preenchido por grandes blocos tombados do tecto e das paredes do afloramento, quase sem sedimentos. Abrimos uma sondagem num pequeno espaço fechado na extremidade Norte do afloramento, bem sedimentado e protegido por grandes blocos. Esperávamos uma boa conservação de eventual estratigrafia arqueológica, mas não o pudemos confirmar porque o espaço disponível na sondagem, após a remoção da camada humosa, ficou quase preenchido por grandes blocos tombados do abrigo, não permitindo continuar a escavação (Fig. 7).

As outras sondagens implantaram-se de cada lado do sector principal do abrigo, ligeiramente abaixo deste. Concluimos que a sua estratigrafia corresponde a deposições secundárias resultantes da escorrência dos sedimentos que estariam no abrigo principal, subjacentes ao painel 1. Em todos os estratos das duas sondagens surgem materiais arqueológicos, mas com pormenores relevantes. Na sondagem a Sul do abrigo surge uma mistura de materiais, incluindo cerâmicas e líticos de cronologia pré-histórica e alguma cerâmica de





Figura 5: À esquerda, o abrigo da Ribeirinha. Os números assinalam os painéis pintados, e as setas a localização das sondagens arqueológicas. À direita, o abrigo do Poço Torto, com a localização dos dois painéis pintados. As setas assinalam a área que se pretendia sondar arqueologicamente.



Figura 6: A garganta quartzítica do Colmeal, indicando-se a localização de cada abrigo pintado. As setas brancas assinalam as duas sondagens arqueológicas realizadas. A seta vermelha mostra a localização do novo abrigo com gravuras.



Figura 7: O abrigo das Lapas Cabreiras. As setas brancas assinalam as três sondagens arqueológicas. Os números assinalam os quatro painéis, pintados e gravados, com a seta vermelha a amostrar a localização do fragmento deslocado do painel 2, e a seta verde a assinalar o que poderá ter sido aproximadamente a sua posição original.

cronologia recente, seguramente relacionadas com o uso pastoril do abrigo. Esta mistura de materiais antigos e recentes encontra-se desde o topo da sondagem até à rocha-base.

Na sondagem a Norte algo similar acontece, mas apenas nas camadas superiores. Na última camada, acima da rocha-base, deixa de aparecer materiais recentes, e também desaparece a cerâmica pré-histórica, limitando-se o espólio a numerosos fragmentos de talhe em pedra, sugerindo que esta última camada terá uma formação muito mais

antiga que as restantes. Estes materiais, com poucos elementos tipologicamente reconhecíveis, distinguem-se pelo tamanho miniatural da maioria dos elementos e pela variedade da matéria prima, com quartzo branco e quartzo hialino, quartzito e sílex, este também com alguma diversidade. Não é possível afirmar se correspondem a um momento cronológico curto ou a longo período de tempo na pré-história, mas a ausência de cerâmica nesta camada e as características do seu material sugerem uma cronologia recuada, talvez do Neolítico ou



Neolítico Antigo, podendo eventualmente recuar ao Epipaleolítico. Uma cronologia tão recuada torna-se mais provável pela existência de um elemento



Figura 8: À esquerda, fragmento de cerâmica decorado encontrado na escavação do abrigo da Ribeirinha. À direita, fragmento de cerâmica decorado encontrado na escavação do abrigo das Lapas Cabreiras.

### 4.3. A Arte rupestre

Após a observação cuidada de todos os abrigos estudados, o Poço Torto foi o único que não revelou novos painéis com arte rupestre. Na parede lateral esquerda do abrigo encontra-se o painel 1, com uma fractura central que terá ocasionado a perda de superfície e de pintura no sector esquerdo. Anexos a essa fractura, na zona central, há alguns traços, por vezes cruzados, que podem formar um ou mais motivos, interrompidos pela fractura e já não reconhecíveis (Fig. 9).

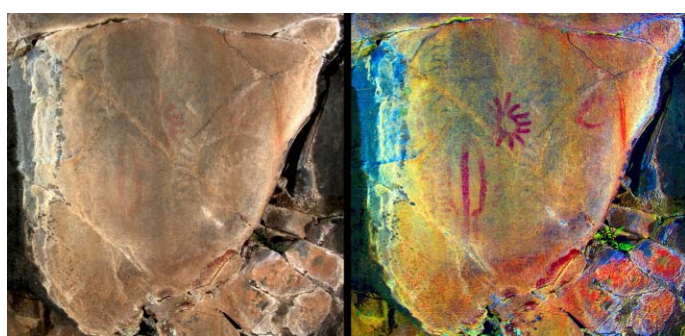


Figura 9: O sector inferior do painel 2 do Poço Torto, onde se agrupa a maior parte dos motivos, incluindo o motivo em branco, que quase desaparece no filtro utilizado na imagem DStretch em baixo (filtro lds).

O painel 2 está na parede de fundo do lado direito do abrigo, e é uma grande superfície com o único motivo pintado a branco conhecido na região, sendo os restantes a vermelho. A parte superior tem uma pequena barra vertical, não incluída no levantamento do CNART. No sector inferior surge a

maior congregação de motivos, incluindo o motivo branco, que consiste numa linha semicircular raiada externamente, tendo no interior uma linha ondulada ramiforme. Este motivo está rodeado pelos restantes, que são uma figura solar, uma pequena figura subcircular, um motivo ovalado alto e estreito, ladeado à esquerda por dois motivos semelhantes e muito apagados, linhas rectilíneas raiadas, uma ausente no levantamento do CNART e a outra representada incompleta. Em duas áreas separadas no sector intermédio do painel surgem dois motivos diferentes dos restantes, no estilo e na técnica (ambos executados em pincelagens finas), e que poderão talvez ser mais antigos (Fig. 10).



Figura 10: À esquerda, detalhe do painel pintado do abrigo do Castelejo. À direita, detalhe das gravuras lineares do painel 1 do Abrigo 4 do Colmeal.

No Colmeal, começamos por realçar o novo abrigo com gravuras. Estas consistem em conjuntos de pequenas linhas rectilíneas profundamente repassadas, um tipo de gravura familiar na região do Alto Douro e conhecida pela sua designação popular de "unhadas do diabo". Distribuem-se por quatro pequenos painéis, e apenas num deles, surgem com alguma abundância, um conjunto de 14 traços paralelos. Os restantes painéis ostentam unicamente um ou dois traços cada. A cronologia deste tipo de gravuras está por estabelecer (Reis, 2014, p. 43-47), mas parece-nos provável uma cronologia da Pré-história Recente (Fig. 11). O Abrigo 1 é o maior no conjunto do Colmeal, na extremidade Norte do maciço rochoso. As pinturas surgem num único grande painel lateral, perpendicular à ribeira, desenhado pelo ex-CNART em 2004. Confrontando o desenho com fotografias tratadas com DStretch, a única omissão encontrada foi uma figura antropomórfica na extremidade esquerda do painel.





Figura 11: À esquerda, o abrigo 1 do Colmeal. À direita, detalhe do conjunto de antropomorfos no sector superior direito do painel pintado do abrigo 1, com a respectiva imagem DStretch por baixo.



Figura 12: À esquerda, o abrigo 2 do Colmeal, indicando-se a localização dos dois painéis. À direita, detalhe do antropomorfo do painel 1, com a respectiva imagem DStretch por baixo.



O painel divide-se em dois sectores. O lado esquerdo é uma área grande, de forma, superfície e coloração muito irregulares, em que os motivos se dispersam espaçadamente. Contamos 11 figuras antropomórficas esquemáticas, cinco barras, três das quais agrupadas, e um motivo abstracto bastante indistinto, que parece consistir numa linha vertical da qual arrancam variados pequenos traços rectilíneos. O sector direito é mais pequeno e surge a maior altura, numa zona de cor avermelhada e fora rectangular. Em cima surge um denso conjunto de 12 figuras antropomórficas e um outro motivo indeterminado. Por baixo há mais um antropomorfo e um motivo grande e pouco definido, uma figura larga e ovalada com segmentações internas, lembrando um grande motivo abstracto do painel 1 das Lapas Cabreiras.

Nos Abrigos 2 e 3 surgem em alguns painéis variadas linhas finas de cor avermelhada. Apenas num único caso, no painel 2 do Abrigo 3, estas linhas parecem formar um motivo reconhecível, um rectângulo com o interior cruzado por linhas unindo os vértices. Alguns casos são seguramente formações naturais, mas outros são menos evidentes. No estado actual da investigação não podemos afirmar a origem antrópica destas linhas, incluindo o rectângulo referido.

O Abrigo 2 está na parte mais baixa e aberta do maciço rochoso, a poucos metros da ribeira e ao lado do Abrigo 3. Tem dois painéis historiados, o painel 1 com pintura esquemática e o painel 2 com gravuras incisas modernas.

O painel 1 surge na parede direita, levemente inclinado para a frente e de forma rectangular. Os dois motivos estão na parte superior, um antropomorfo simples em cruz e uma grande mancha irregular (Fig.12). O painel 2 é pequeno e de forma ovalada, integrando a parede de fundo. Na parte inferior surge uma inscrição e uma data ilegíveis, cujo traço e pátina parecem mais recentes que as restantes gravuras. Estas, para além de duas possíveis e toscas figuras antropomórficas, consistem em cerca de 30 motivos abstractos, de que se destacam as linhas em ziguezague.

No Abrigo 3 encontram-se 3 painéis pintados. O painel 1 corresponde à parede lateral direita do abrigo, e tem dois motivos pintados a vermelho na extremidade inferior direita do painel, um grande antropomorfo em fi associado a uma barra vertical. O painel 2, do lado esquerdo da parede de fundo,

tem vários motivos pintados a vermelho, havendo pelo menos sete antropomorfos, uma barra horizontal e quatro motivos indeterminados. O painel 3 é uma pequena superfície do lado superior direito da parede de fundo, com três motivos similares pintados a preto, em traço fino. Consistem em duas linhas oblíquas cruzadas, tendencialmente uma mais vertical e outra mais horizontal, em que a parte inferior de cada é rematada por um pequeno círculo fechado. Poderão ser figuras antropomórficas muito estilizadas, sem paralelos na arte do Côa, constituindo-se também como as únicas pinturas a preto da região (Fig.13).

Na Ribeirinha, para além dos dois painéis previamente levantados, descobrimos dois novos painéis, pouco relevantes. O painel 3 esconde-se por baixo do painel 2, em posição fortemente oblíqua, e tem duas pequenas manchas informes vermelhas. O painel 4 corresponde ao tecto do abrigo fronteiro aos painéis 1 e 2, com uma inscrição moderna, a palavra "João" pintada em lápis de cor vermelho. O painel 2 corresponde à parede lateral esquerda do abrigo. Para além de algumas manchas indeterminadas e de três possíveis antropomorfos muito indistintos na zona central, apresenta uma enorme quantidade de barras, mais de 40, dispersas pela superfície. O painel 1 corresponde à parede de fundo do abrigo, sendo o maior e mais importante do conjunto. Quase todas as suas pinturas a vermelho estão fortemente degradadas, pouco mais sendo visível a olho nu do que conjuntos de manchas informes, com uma ou outra figura antropomórfica a revelar-se. No entanto, a aplicação do DStretch permite visualizar muitos outros detalhes, e o painel parece compor-se de uma quantidade avultada de figuras antropomórficas, entre outros motivos, sendo necessário completar o levantamento existente (Fig.14).

Nas Lapas Cabreiras descobrimos mais três painéis dispersos ao longo do maciço rochoso, dois com gravuras e outro com pinturas. Este, o painel 2, é um bloco isolado solto, fragmentado e tombado, com uma pequena mancha vermelha. Originalmente, estaria talvez fronteiro ao painel 1, e os restantes fragmentos poderão estar no caos de blocos por baixo desse painel, mas onde não encontramos outros vestígios de pintura. Os painéis 3 e 4 são grandes paredes verticais nas extremidades do abrigo; o painel 3 a Norte e o painel 4 a Sul. Ambos apresentam figuras





Figura 13: À esquerda, o abrigo 3 do Colmeal, indicando-se a localização dos três painéis. Ao centro, antropomorfo em fi do painel 1. À direita em cima, antropomorfo do painel 2 (imagem DStretch). À direita em baixo, motivo a negro do painel 3.



Figura 14: À esquerda, uma secção do painel 1 do abrigo da Ribeirinha, com a respectiva imagem em DStretch. Note-se como estão apagadas a maioria das figuras, e como se confundem com o fundo avermelhado do painel, e também como a imagem em DStretch revela pormenores pouco visíveis. À direita, secção do painel 2 da Ribeirinha, mostrando um conjunto de barras, com a imagem em DStretch por baixo.



antropomórficas picotadas.

No painel 3 uma tosca figura esquemática de cabeça redonda e braços e pernas abertas, associado a outro motivo fragmentado e incompleto, já não reconhecível. No painel 4 encontra-se um único antropomorfo em fi, quase irreconhecível no meio de uma superfície preenchida por inúmeros sulcos naturais muito similares aos traços gravados (Fig. 15).

Por fim, o painel 1, onde se notam a olho nu alguns raros motivos e conjuntos de manchas, distinguindo-se pelo menos duas figuras antropomórficas, duas representações de mãos, algumas barras e pouco mais. Mas foi neste painel que a aplicação do DStretch melhor funcionou, permitindo facilmente distinguir uma enorme quantidade de motivos, por vezes dando resolução

a manchas aparentemente informes, noutros fazendo aparecer motivos invisíveis a olho nu. Também permitiu realçar a existência de quatro pigmentos diferentes (vinhoso, vermelho-vivo, vermelho-escuro e laranja), e de três diferentes técnicas de pintura (pincelagem, digitação e raspagem, esta provavelmente com pequenos blocos de hematite), assim como aclarar a sequência de sobreposições de alguns motivos.

No final, contamos cerca de 30 figuras antropomórficas, quatro mãos, uma figura solar, três animais indeterminados, uma mão cheia de motivos abstractos, incluindo um escutiforme com segmentações internas, e uma enorme quantidade de barras ou traços finos, cerca de 120, quase todas digitadas, isoladas ou em conjuntos de dimensão variável (Fig. 16).



Figura 15: Lapas Cabreiras: painel 3 (à esquerda) e painel 4 (à direita).

## 5. Conclusão

O projecto ARTFACTS, sendo pequeno e de meios limitados, traduziu-se num interessante conjunto de novidades e dados relevantes provenientes das três escalas de análise aplicadas: prospecção, escavação e análise dos painéis historiados. Salientamos o achado de três novos abrigos com arte rupestre pré-histórica, o Abrigo 4 do Colmeal com gravuras, e os abrigos do Castelejo e do Gamoal, com pinturas. Estes dois últimos configuram uma situação algo similar no tocante à distribuição de sítios

arqueológicos nas imediações de importantes abrigos pintados, no caso o Poço Torto e Ribeirinha, respectivamente. Em ambas as situações, os dois novos abrigos são iconograficamente pobres e directamente associados a recintos murados da Pré-história Recente, que se encontram aproximadamente a um quilómetro de distância dos abrigos mais importantes, sobre a mesma linha de água.

Pelo menos no caso do Gamoal, com a evidente importância do sítio arqueológico, a sua



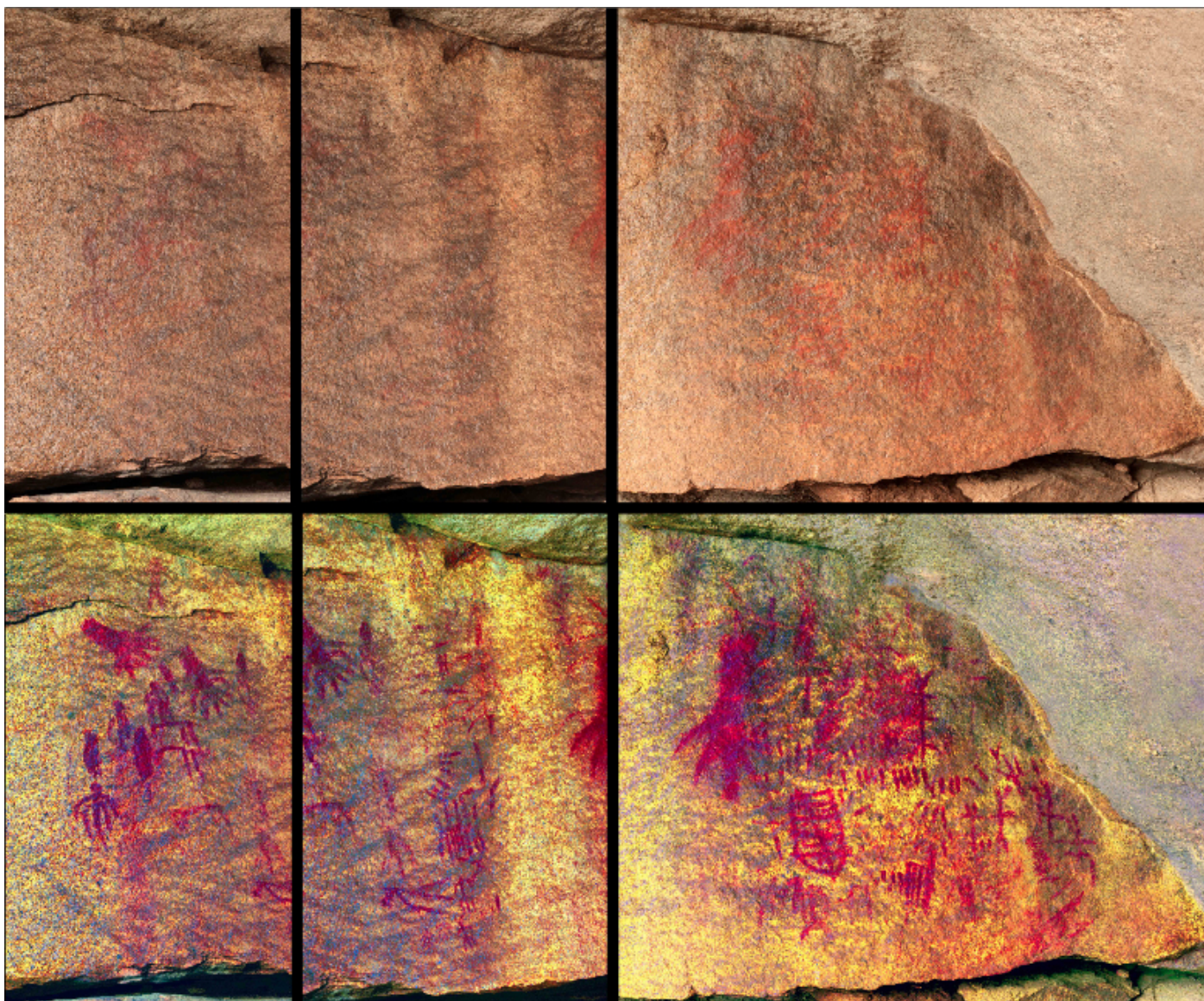


Figura 16: O painel 1 das Lapas Cabreiras, dividido em três sectores (esquerdo, central e direito), e com o respectivo tratamento DStretch em baixo. Atente-se na extraordinária quantidade de detalhes que o uso deste filtro digital revela neste painel.

proximidade e relação privilegiada com os abrigos da Ribeirinha e Gamoal, poderemos sugerir que este grande povoado possa estar directamente relacionado à realização das pinturas. Na zona do Colmeal, o mesmo poderá suceder com o grande conjunto de abrigos das Lapas onde, a confirmar-se um dia a existência de uma ocupação antiga, será do maior interesse estudar a sua eventual relação com os abrigos do Colmeal, que surgem a curta distância e com relação visual directa.

Nas Lapas Cabreiras, a conjugação dos trabalhos de prospecção com escavação mostra que este local, para além das pinturas, tem uma importante ocupação pré-histórica, ainda por caracterizar adequadamente mas enquadrada entre o Neolítico Antigo (pelo menos) e o Calcolítico/Idade do Bronze. Na Ribeirinha, a escavação mostrou a

existência de algum tipo de ocupação ou actividade em tempos pré-históricos, mas a exiguidade dos vestígios impede uma melhor compreensão das suas características. A análise cuidada das superfícies de todos os abrigos foi um trabalho compensador, pois apenas no Poço Torto não descobrimos novos painéis com arte rupestre. Salienta-se a descoberta de pinturas a negro no Colmeal ou, nas Lapas Cabreiras, de um novo painel pintado, fragmentado e muito incompleto, e de dois painéis com antropomorfos esquemáticos gravados. A aplicação de um novo método digital de visualização de pinturas, o DStretch, permitiu rever adequadamente alguns dos levantamentos anteriormente efectuados pelo ex-CNART, assim como melhor analisar os novos painéis. Desta forma, no Poço Torto e Colmeal detectamos alguns



motivos omitidos ou insuficientemente interpretados nos levantamentos. Na Ribeirinha, o conjunto de manchas informes do painel 1 transformou-se num magnífico conjunto de motivos diversos, com destaque para as figuras antropomórficas. Por fim, no painel 1 das Lapas Cabreiras, que visualmente se parecia limitar a pouco mais de meia dúzia de motivos e variadas manchas incompreensíveis, o DStretch revelou aproximadamente 180 realidades diferentes, num conjunto de variadíssimas figuras antropomórficas, grupos de barras, mãos, animais, figuras abstractas diversas e uma figura solar, distinguindo-se várias sobreposições e o uso de diferentes pigmentos e técnicas, no que é sem dúvida um dos principais conjuntos de arte esquemática pintada em território português.

### **Bibliografia**

- Alves, L. B.; Cardoso, J. M.; Reis, M., Carvalho, B., 2014. ART-FACTS: Uma investigação sobre os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no vale do Côa. *Côavisão*, 16, 101-106
- García Diez, M.; Rodrigues, A. F. C.; Maurício, J. M. G., 2001. *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos do Projecto de Aproveitamento Hidroeléctrico do Alto Côa*. Relatório policopiado, Instituto Português de Arqueologia
- Reis, M., 2012. 'Mil rochas e tal...': inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa. *Portugália*, 33, 5-72
- Reis, M., 2013. 'Mil rochas e tal...': inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa (2.ª parte). *Portugália*, 34, 5-68
- Reis, M., 2014. 'Mil rochas e tal...': inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa (conclusão). *Portugália*, 35, 17-59